



## OS NÓS QUE ME (RE)COMPÕEM: uma cartografia com escrevivências

Josefa Jaqueline Batista Brito<sup>1</sup>  
Franklin Kaic Dutra-Pereira<sup>2</sup>

**Resumo:** Meus escritos<sup>3</sup> nascem com confluências<sup>4</sup> a partir de escritos em um caderno criado no componente curricular de Seminários em Estudos Culturais da Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Nasce de experiências, de desejos, de perguntas, com pausas, com silêncios, com imagens, com nós, com cinema, com sonhos, com medos, com invenções, uma *pesquisavida*. Cada palavra escrita, cada linha traçada, cada imagem fotografada, cada sorriso compartilhado me levaram a observar o que muitas vezes não enxergo, os detalhes, e me convocam a uma pesquisa corporificada, encarnada, com nós. Minha escrita é um convite a inventar uma *pesquisavida* mais bonita, não como quem nega as dores e durezas da existência, mas como quem ousa acreditar em mundos outros possíveis. Vamos?

**Palavras-chave:** estudos culturais da educação. escrevivências. cartografias.

### The knots that (re)compose me: a cartography with lived experiences

**Abstract:** My writings are born from confluences stemming from entries in a notebook created for the Seminars in Cultural Studies of Education course in the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Paraíba – UFPB. They arise from experiences, desires, questions, pauses, silences, images, knots, cinema, dreams, fears, inventions life-research. Each written word, each

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, na Linha de Estudos Culturais da Educação, [britojaqueline249@gmail.com](mailto:britojaqueline249@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB, [franklin.kaic@academico.ufpb.br](mailto:franklin.kaic@academico.ufpb.br).

<sup>3</sup> Este trabalho é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

<sup>4</sup> O termo confluência é aqui pensado a partir de Antônio Bispo. A confluência é um encontro horizontal entre os saberes, práticas e modos de vida. Confluir é aproximar-se, é encontro, é troca, é compartilhamentos



drawn line, each photographed image, each shared smile led me to observe what I often don't see the details and summon me to an embodied, incarnated research, a kind of "us." My writing is an invitation to invent a more beautiful life-research, not as someone who denies the pains and hardships of existence, but as someone who dares to believe in other possible worlds. Shall we?

**Keywords:** cultural studies of education. writing-experiences. cartographies.

### **Los nudos que me (re)componen: una cartografía con experiencias vividas**

**Resumen:** Mis escritos nacen de la confluencia de anotaciones en un cuaderno creado para el curso de Seminarios de Estudios Culturales de la Educación del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Paraíba (UFPB). Surgen de experiencias, deseos, preguntas, pausas, silencios, imágenes, nudos, cine, sueños, miedos, invenciones: una investigación de vida. Cada palabra escrita, cada línea trazada, cada fotografía, cada sonrisa compartida me llevó a observar lo que a menudo no veo los detalles y me convocó a una investigación encarnada, una suerte de «nosotros». Mi escritura es una invitación a inventar una investigación de vida más bella, no desde la perspectiva de quien niega los dolores y las dificultades de la existencia, sino desde la de quien se atreve a creer en otros mundos posibles. ¿Nos animamos?

**Palabras clave:** estudios culturales de la educación. experiencias de escritura. cartografías.

### **NOTAS COM UM CADERNO EM (DES)COMPOSIÇÃO**

Estes escritos nascem com escrevivências, com experiências construídas na disciplina de Seminários em Estudos Culturais da Educação na UFPB. Penso a escrevivência na perspectiva da escritora brasileira Conceição Evaristo (2016-2020), que para além de articular escrita e vida de mulheres negras, é encarnada de um sentido histórico e ancestral. Nesse caminho, dialogo com a cartografia no viés da filosofia da diferença com os escritos de Deleuze e Guattari (1996) e Suely Rolnik (2011). Acompanhei os movimentos, os afetos e os devires que

surgiram nas brechas, no silêncio, nos incômodos, nas pausas, nos encontros, na vida.

Cada encontro foi um convite a mergulhar nos Estudos Culturais da Educação e em minha pesquisa. Observei o pôr do sol, fui a praia, ao cinema, senti o barro em minhas mãos, (re)modelei-o, teci e criei com folhas e fios meu caderno de pesquisadora, compartilhei histórias, dores, pesquisas, sorrisos, senti cada leitura e a força de minha pesquisa.

Com as escrevivências e a cartografia, crio mundos, (re)invento, existo, nascem os desejos, os medos, os sonhos, a pesquisa. Nasce estes escritos que compartilho com vocês, leitoras/es.

Se debruçem e se permitam sentir, é o meu desejo.

#### *Reverberações em dias chuvosos*

*Tentei observar o pôr do sol, ele insiste em se esconder, então pensei em observar a chuva, ora calma, ora veloz, violenta. Pensei nos caminhos percorridos pela chuva. Seus caminhos não são pré-estabelecidos, o ser humano até tenta manipular, mas a chuva não pede licença, ela escoar por onde se sente livre para passar, com sua força ou calma. E se eu fosse como a chuva, construindo meu caminho sem pedir licença ao que e quem desejam me impedir de caminhar? O que o meu corpo sente ao perceber a chuva molhando a terra? O que a chuva pode me ensinar? Como a chuva pode me ensinar a compor a minha pesquisa? Com a chuva também posso aprender sobre incertezas, não sei o dia e nem a hora que vai cair; ela se anuncia em nuvens cinzentas, às vezes seu anúncio é atendido, em outros não, apenas se dispersam. E se eu aprendesse a viver com as incertezas que a chuva pode me ensinar? E se eu fosse feita de perguntas e não de respostas? E se as perguntas permeassem todas as fases e dimensões de minha vida? E se eu aprendesse a*



*respeitar e respirar o tempo? A minha pesquisa tem me permitindo pensar o tempo? Como tenho pensado o tempo? E se eu fizer a minha pesquisa com a mesma ousadia da criança que corria para a chuva, com e sem medo, em meio aos raios e trovões? E se a minha pesquisa fizesse meus olhos se encherem de água da mesma forma que se alegra ao lembrar o dançar em meio a chuva? E se eu realizasse a minha pesquisa sem medo dos (des)encontros com o inesperado? O que faço com o inesperado em minha pesquisa? E se eu construir a minha pesquisa com a força do mesmo sonho de criança de inventar mundos outros possíveis para existirviver? Vou inventar? E se...?*

*02 -04 de setembro de 2025  
João Pessoa*

*Uma pausa*

Pensei em compor algo com o que tenho (re)construído e com o que venho sendo afectada na disciplina de Seminários em Estudos Culturais da Educação. Perguntas, incômodos, escritos, encontros, incertezas, medos, alegrias, detalhes, sonhos, desejos. Intercessoras/es caminham comigo, o Com-Fabulações – Ateliê de Pesquisas Inventivas em Educação e os encontros com seres humanos e não humanos pelo caminho, pessoas, plantas, sol, praia, cinema, nuvens, livros, textos e, e.

Esses escritos nascem com um caderno que é um artefato cultural, um caderno que me ensina formas de sentir, de viver, de produzir culturas como me lembra Maknamara (2025), de uma *pesquisavida*. Seus escritos, rasuras, fragmentos, desejos, medos, e, e... (re)constroem e (re)compõem a potência que pulsa em minha pesquisa. Tenho pensado nos movimentos possíveis com os

Estudos Culturais<sup>5</sup>, são diversos, dinâmicos, com múltiplas e instáveis possibilidades de performances. Em diálogo com intercessores como José Carlos Lima Costa (2025), Richard Schechner (2003) e Jarbas Siqueira Ramos (2016), compreendi que as performances culturais podem surgir em ações cotidianas, nos caminhos percorridos até a academia, no cozinhar, no dançar, na ida ao cinema, no cantar, nos passos nos corredores da universidade, nas marcas deixadas na areia do mar. Performar ficou em meus pensamentos como modos de sentir viver, como um mapa, com múltiplas ramificações, sem direções fixas e estáveis, em movimento.

**Imagem 1:** Capa do caderno de pesquisa.



**Fonte:** Registro da autora, 2025.

<sup>5</sup> Os Estudos Culturais é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar que dialoga com conhecimentos e culturas diversas, reconhecendo que as identidades, as práticas sociais e as representações são construídas nos movimentos na e pela história. É um campo de disputas de poder. Autores como Stuart Hall (1997), Raymond Williams (2000) e Henry Giroux (1999) nos ajudam a compreender esses processos.

Esse mapa, que é a capa de meu caderno, assim como outras performances, me (re)compõe e (re)constroem o meu *sentirviver* a pesquisa. É um mapa que representa a minha *pesquisavida*. Um outro modo de pesquisar. Como me convida Iris Verena (2024) com modos de aprontar. Tenho pensado: Como tenho aprontado na academia? Tenho aprontado? Tenho desestabilizado normas dominantes instauradas? Quais pedagogias culturais outras tenho produzido? Tenho produzido? Com quais olhos enxergo eu mesma? Tenho me olhado? Tenho apreciado o que tenho feito? E a minha pesquisa, como a tenho visto? As minhas ações? Tenho produzido vida na pesquisa?

### *Silêncio*

Em meio a pausas, silêncios, agitações, o cozinhar, a volta da academia e um novo curso... componho esses escritos que nascem de experiências corporificas, de escrevivências e de memórias que carregam a ancestralidade viva em todos os meus passos e direções. Há quem diga que isso não é pesquisa, que não é ciência. Que pesquisa não se faz articulado com a vida. Dizem, é preciso separar. Mas o que é ciência? O que é pesquisa? É algo estático? Sem vida? Sem nós? Precisa ser um espaço só de dores? O que cabe na ciência? Cabe vida? Cabe nós? Cabe desejo? Cabe invenção?

Os sentimentos e as sensibilidades cabem na pesquisa? Intercessoras como Karine Ramaldes (2019) me diz que sim. Que a pesquisa não dever ser compreendida apenas no viés racional, mas também, sob os olhares das sensibilidades que atravessam a educação. Desde o chão das escolas até as universidades, não há hierarquia em uma educação desenvolvida com sensibilidade. Karine me convida a pensar os lugares ou não lugares que as sensibilidades têm ocupado na pesquisa. Têm ocupado? Existe lugar para a sensibilidade em minha pesquisa?

## *Segunda pausa*

Caminhar com os Estudos Culturais é também sentir que as pesquisas são (re)construídas nas pausas. Preciso me distanciar, observar com olhares atentos os detalhes e o que foi (re)construído, não com os olhos de quem observa o que falta, mas com o olhar de quem pensa que a incompletude faz parte do caminho. A completude não será alcançada, como nos lembra Marcus Flávio (2013), há sempre uma nova escrita a ser aprendida. Há sempre algo a ser visto. Há sempre algo a ser (re)criado. Há sempre algo a mais. Há sempre e, e, e...

## *Entre pausas escrevo*

*“Quem <sup>6</sup>é que nunca disse precisar de espaço, que a vida era corrida, que andava ocupado, calma, a vida precisa de pausa. Quem é que nunca disse que faltava tempo pra ficar em casa, ficar sem fazer nada, calma, a vida precisa de calma” (Vicka, 2021).*

*Como pausar nesse mundo capitalista que a todo instante me é cobrado produtividade? Como pausar se as pausas são permeadas por culpa? O que eu faço com a culpa?*

*E nesse compasso entre a pausa e a culpa Krenak me lembra que “o mundo não pode parar, e o mundo parou” (krenak, 2020, p.5).*

*Com a pandemia da COVID-19 fomos obrigadas/os a parar e pausar o ritmo desenfreado que estávamos seguindo.*

---

<sup>6</sup> Vicka. **Pausa**. Disponível em: <https://youtu.be/NoBzf6BPdEA?si=-iMCK07TWBQTTI0K>. 2021. Acesso em: 17 de set. de 2025.



Com Palomar<sup>7</sup> estou (re)aprendendo a observar os detalhes. Aprendi que a minha pesquisa é muito além do que os meus olhos podem enxergar. Que tenho muito a observar. Percebo que senti as afecções é importante em uma *pesquisavida*. Que uma *pesquisavida* nasce, se ramifica e continua sendo composta com desejos, com sonhos, com invenções. Que não preciso perdê-los pelo caminho, mas confluir, como me lembra Nego Bispo (2023). Com Deleuze, Guattari (1996) e Suely Rolnik (2011) carrego a incerteza de que cada passo incerto, instável e (in)desejável compõe meu caminho, como nós.

*Eu, nós, Palomar, o mar e as reverberações (des)encontradas*

*Sentada, com os pés tocando uma areia gelada feito picolé, sinto uma brisa fria cheirando a calma; pássaros caminham pela areia da praia, algo parecem procurar. Observo que sempre estão em grupos ou duplas, nunca sozinhos, andam para lá e para cá, no movimento de procurar. Os raios do sol quase escondidos tocam o mar. O barco que havia passado entre os raios luminosos do sol começa a desaparecer no mar ou seria apenas em minha visão? Isso me faz pensar que o que vejo é limitado, se eu deixar que seja...uma pausa...silêncio...O que faço com o que encontro pelo caminho? No balanço do mar, o barco continua navegando em direção ao seu destino. Qual será o seu destino? O que há por trás do que os meus olhos não alcançam? Posso imaginar. O barco continua seguindo sua rota, mar, mar, mar... Qual será a vista do lado de lá? Posso imaginar. A vida que pulsa em mim é como essas ondas, em movimentos constantes. Ondas pequenas e grandes se confluem e compõem um oceano inteiro. Os Pássaros continuam por aqui, ainda não descobri o que procuram. Ainda vejo um pontinho bem no horizonte, penso ser*

---

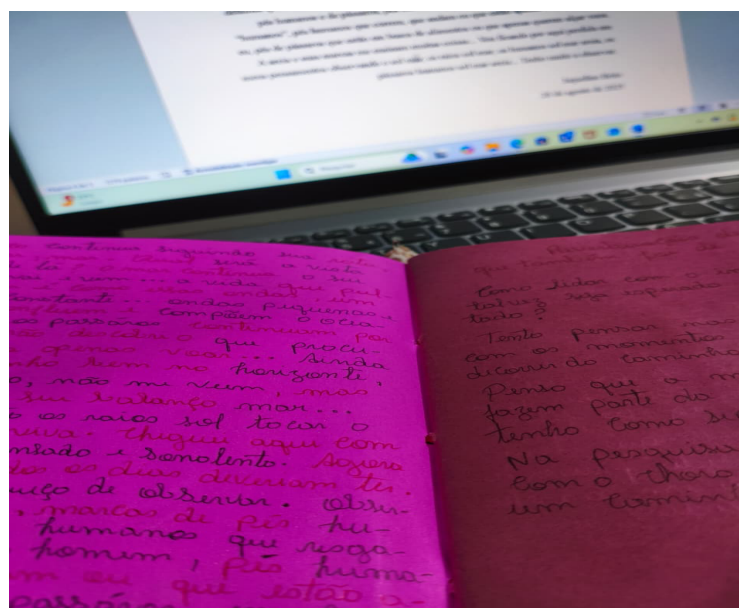
<sup>7</sup> CALVINO, Ítalo. **Palomar**. Trad. João Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

*o barco, não me veem, mas consigo imaginar seu balanço mar. Fecho os olhos, sinto os raios sol tocar o meu corpo, me sinto viva. Cheguei aqui com o corpo preocupado, cansado e sonolento. Agora sinto a calma que todos os dias deveriam ter. Sinto os detalhes que esquecemos de observar. Observo as marcas deixadas na areia, marcas de pés humanos e de pássaros, pés humanos que resgatam destroços deixados pelos “humanos”, pés humanos que correm, que andam ou que estão apenas sentados, como eu, pés de pássaros que estão em busca de alimentos ou que apenas querem alçar voos. A areia e suas marcas me ensinam muitas coisas... Vou ficando por aqui perdida em meus pensamentos, observando o sol mar, os raios sol mar, os humanos sol mar areia, os pássaros humanos sol mar areia... Tenho muito a observar.*

Jaqueline Brito

26 de agosto de 2025

### Imagem 3: (Des)composição da escrita

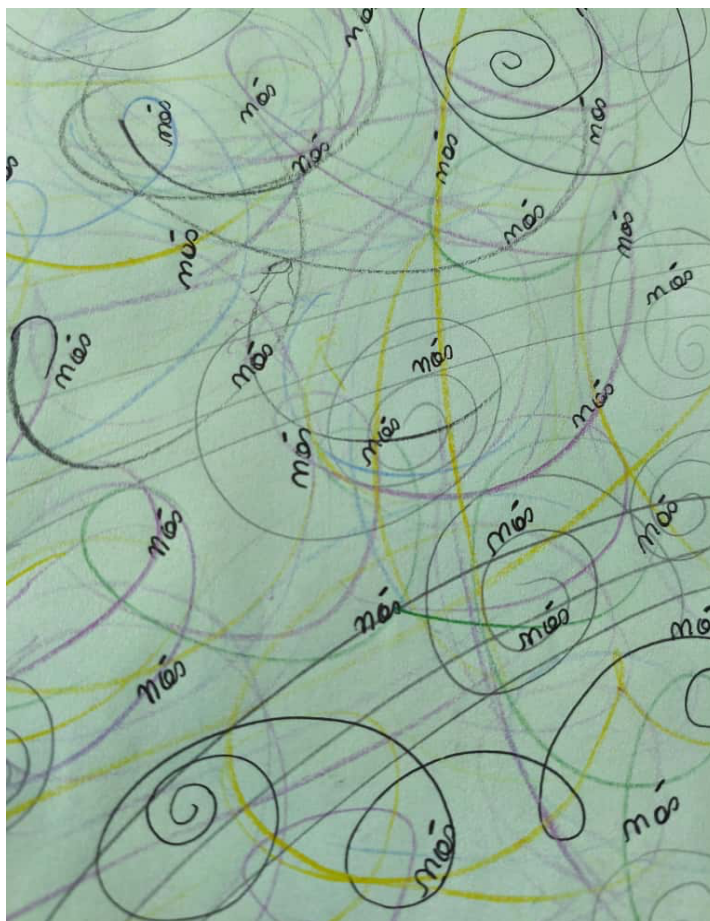


Fonte: Registro da autora, 2025.

Os detalhes, o barulho da chuva, o cinema, o pôr do sol, as pausas, o silêncio, os agenciamentos, as confluências, os desejos, os sonhos, os medos, os territórios, os movimentos, o choro, as perdas, os ganhos, os atravessamentos, as encruzilhadas, os processos, a escrita, a fala, os livros, a chuva, e, e... O que pode os estudos culturais com nós?

*Nós*

**Imagem 4: Nós**



**Fonte:** Registro da autora, 2025.

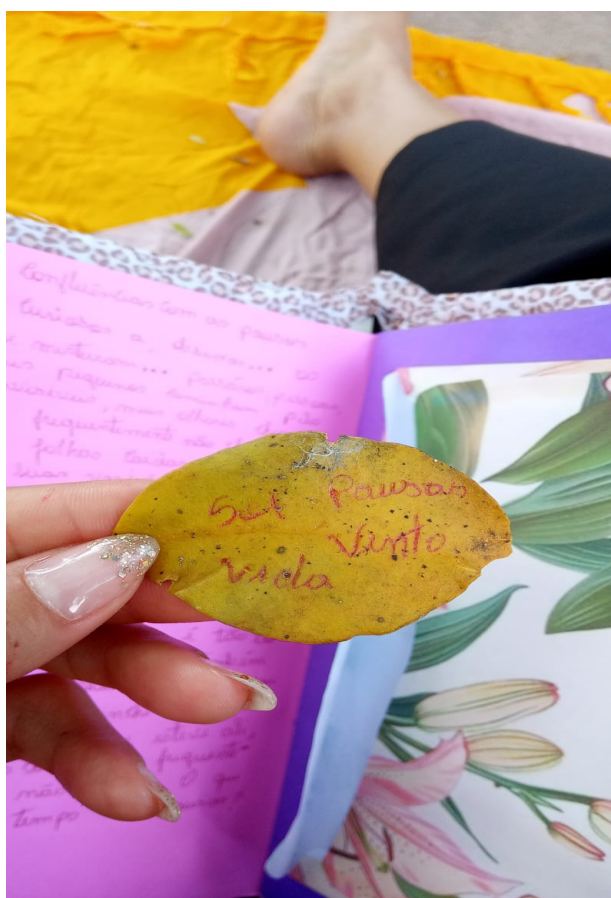
Os nós que me (re)constroem são múltiplos. É a coletividade que envolve a minha pesquisa e a (re)constrói. São os diversos nós que movimentam o meu

eu e a minha pesquisa. São os nós da ancestralidade. Os nós da escuta. Os nós da partilha. Os nós dos (des)encontros. Os nós dos desejos. Os nós que compõem o meu eu, mulher negra do interior, quilombola, sertaneja. São esses e outros nós enlaçados que compõem meu eu pesquisadora. Nós com Estudos Culturais.

### *Uma terceira pausa*

Pausas, encontros, momentos, vivências, confluências.

**Imagem 5: Pausas**



**Fonte:** Registro da autora, 2025.



### *Confluências com as pausas*

*Olhares curiosos a observar...Os barulhos se misturam...Pássaros, pessoas, carros...Seres pequenos caminham pelo chão. Quase (in)visíveis. Meus olhares chegam a espaços, a brechas que frequentemente não chegam, aos detalhes. As folhas caídas pelo chão em suas variedades de cores e sabores. A formiga que anda sob meu caderno. A brisa que bate em meu rosto. O calor humano ao redor, em meu corpo. A natureza que transborda. As bordas. Me sinto viva. As pausas, tão esquecidas, o que tenho feito com elas? Parar e observar é tão bonito quanto caminhar. As pausas também são caminhos que atam, desatam e (re)constroem nós. O vento que me enche de poeira é o sinal de que ele sempre esteve aqui. São os meus olhos corpo que frequentemente insistem em não sentir. A quanto tempo eu não sentia as nuvens se movimentando no céu? A quanto tempo vivo a quatro paredes? Vivo? Com as pausas me (re)encontro com desejos e sonhos (in)visíveis.*

*Jaqueline Brito*

*18 de setembro de 2025*

### *Dança*

Tenho aprendido com os Estudos Culturais a dançar, a construir uma pesquisa com alegria, com o desejo de quem acredita na força de uma pesquisa com vida, como uma música, sentindo o corpo, os embalos, os atravessamentos, os envolvimentos que me (re)compõe. Confesso que alguns dias não me convocam a dançar, dias em que o meu corpo se encontra enrijecido. Tento vencer esses dias acreditando que nem todos os dias serão fácies. Nos dias difíceis, venho aprendendo a dançar, a colocar o meu corpo em movimento e a



aprender que músicas difíceis constroem coreógrafos incríveis. E eu sigo coreografando a minha *vidapesquisa*, com coragem, com alegria, com ousadia, com medo, como uma música em ritmos alternados procurando alguém ou algo a confluir.

### *Pedagogias outras com pedras e barro*

*Com a rigidez das pedras aprendo a cultivar a paciência, a resistência, a compreender que os caminhos precisam ser esculpidos lentamente, pacientemente. Como quem esculpe seu próprio caminho. Como quem esculpe uma pesquisa, sempre inacabada. Como posso fazer da minha vida cotidiana uma pesquisavidaarte? Fui pensando com os movimentos de artesanato de barro, o que tenho transmitido com a minha pesquisa? Como a tenho moldado? Ela tem me moldado? Como tenho olhado para a minha pesquisa? Com quais olhos? Tenho ampliado meus campos de visões? Como tenho construído, assim como as/os ceramistas, uma pesquisa para além das fronteiras de gênero? Continuo em confluências...*

*Jaqueline Brito*

*22 de setembro de 2025*

### *Algumas reverberações com o cinema*

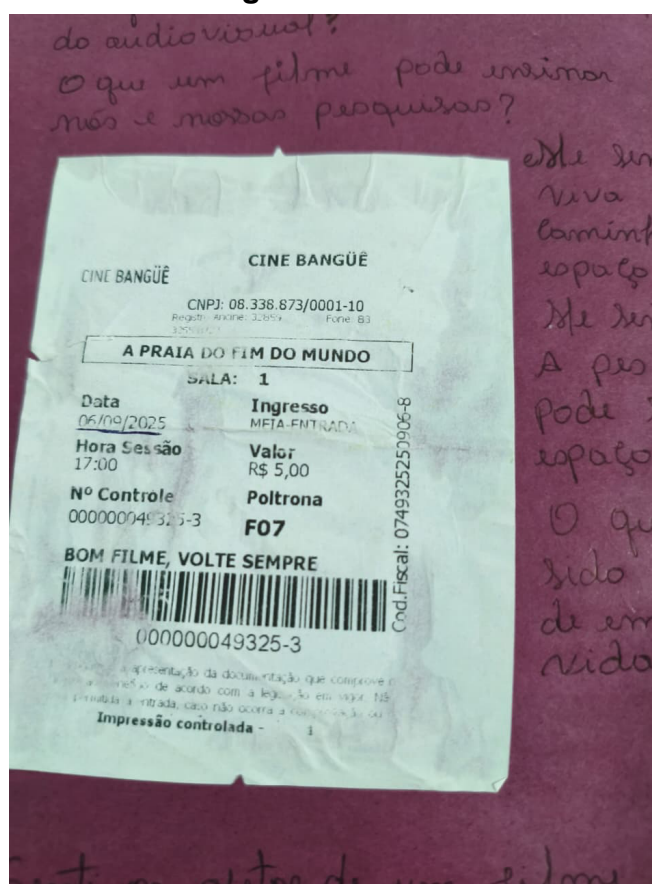
*O que pode um filme para além do áudio visual? O que um filme pode ensinar com a (des)composição da minha pesquisa?*

*Me senti viva. Feliz. Senti que a pesquisa pode ser um lugar feliz. Tenho pensado, o que tem sido prioridade em minha vida? Em minha pesquisavida? Senti os afectos de um filme que não foi apenas visto e ouvido. Foi Tensão. Foi*

*silêncio. Foi desejo. Foi anseio pelo que virá. Foi medo do abandono de uma vida em que tudo parecia certezas.*

Jaqueline Brito  
06 de setembro de 2025

**Imagem 6: Cinema**



Fonte: Registro da autora, 2025.

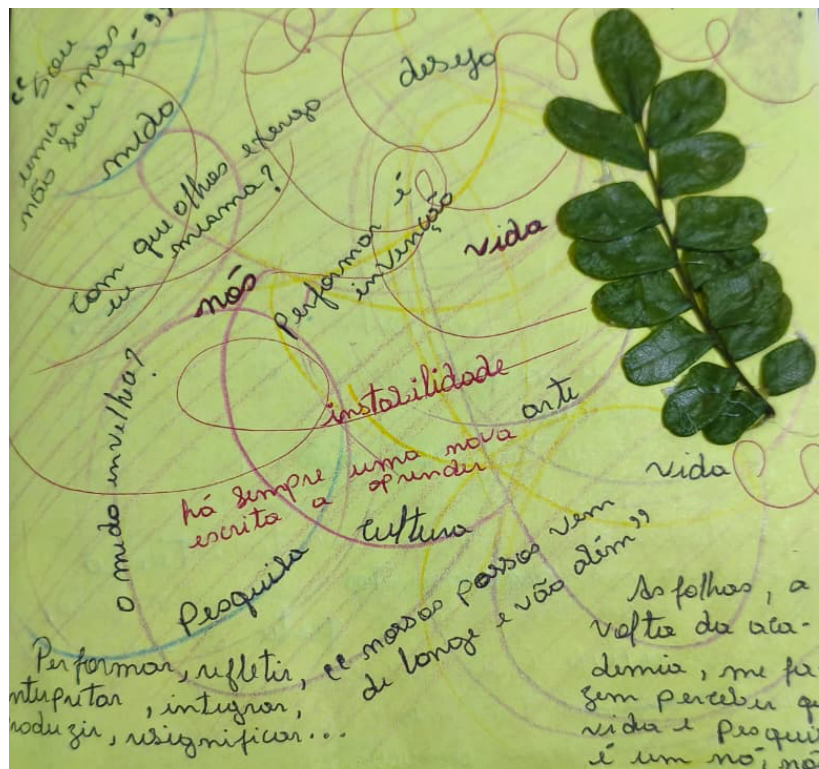
*Uma pausa*

Nesse pequeno espaço escrevo em 27 de outubro de 2025, estou na universidade, com o corpo ainda cansado, está chovendo e sinto a brisa me convocar a escrita, os barulhos, que geralmente me distraem, hoje não estão

sendo empecilhos. Inquieta, tenho a impressão, que pode ser porque estou onde sempre quis estar, me movendo como uma mulher negra, reconhecendo a minha ancestralidade e no encontro com outras irmãs que também insistem em resistir, em não se calar, em existir. Tenho desejo, muito desejo, mas também tenho medo. Eu sigo pesquisando em processo de autorrecuperação, como me convida bell hooks (2023) e as irmãs do inhome.

E se... e se...

**Imagem 7: Confluências**



Fonte: Registro da autora, 2025.

E se eu não fizer uma boa pesquisa? E se eu fizer uma boa pesquisa? E se a minha pesquisa não convocar pessoas outras? E se convocar pessoas outras? O que eu tenho a dizer com a minha pesquisa? Estou disposta a escrever, com o que sangra, com o que dói, com o que me conforta, com o que rasga, com a energia contagiante de quem parece ter encontrado seu lugar, mesmo tendo muitos e nenhum lugar no mundo, a depender do estado de espírito.

Continuarei em (des)composição, desterritorializando para redesterritorializar. Tenho me orgulhado dos meus movimentos nós que tenho feito. Dos caminhos que tenho trilhado. Sigo em confluências com a criação de uma pesquisa que gera vira, que se (re)faz no encontro com corpos e modos outros de pesquisar. Não como um corpo neutro, mas como alguém que está aberta aos encontros e a redesterritorializar “certezas” e caminhos. Sigo com nós. Vamos?

### Intercessoras/es

BEDIN DA COSTA, Luciano; BEDIN DA COSTA, Cristiano. Short Scenes: a escrita acadêmica como combate. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 2, 2019, p. 171–186. DOI: 10.22456/2238-152X.92295. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/92295>. Acesso em: 12 de set. 2025.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp. ISBN 978 85 7126 106 8. Disponível em: [A terra dá, a terra quer](#). Acesso em: 12 de set. 2025.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 3.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kair; TINÔCO, S. É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+? **Revista Cocar**, n. 36, 2025, 20p. Disponível em:



<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/10567>. Acesso em: 11 de set. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d`água**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação biblioteca nacional, 2016, 116p.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L., NUNES, Isabella R. (Org.) **Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020. Disponível em: [Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos- Conceicao-Evaristo.pdf \(itausocial.org.br\)](#). Acesso em: 27 de maio de 2025.

FELIX, Jeane. Estudos culturais e estudos de gênero: diálogos, aproximações e distanciamentos. In: GONÇALVES, Catarina Carneiro. ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Pelas frestas: pesquisas em estudos culturais da educação**. Curitiba: CRV, 2019, p.15-29.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lobo. 11 ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2006, 102p.

hooks, bell. **Funk sem cortes: um diálogo contemplativo**/bell hooks, Stuart Hall: Tradução floresta, São Paulo: editora: WMF Martins Fontes, 2024, 172p.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, 18p. Disponível em: [O amanhã não está à venda. | Acervo | ISA](#). Acesso em: 17 de set. de 2025.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 7–37.

OLIVEIRA, Iris Verena. Modos de aprontar na academia: escrevivências e fabulações curriculares. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 29, n. 65, jan./abr. 2024, p. 227-248. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serieestudos.v29i65.1941>. Acesso em 15 de set. 2025.

SILVA, Marcus Flávio da. **Cartas....** 2013. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Q5EbC1-SMQ>. Acesso em: 15 set. 2025.



RAMALDES, Karine. Qual é o lugar das sensibilidades na educação? In: SANTOS, Nádía Maria Weber; CAMARGO, Robson Corrêa de (orgs.). **Performances culturais: memórias e sensibilidades**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 117-130.

ROLNIK, Suely **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. 247 p. Disponível em: [\(99+\) CARTOGRAFIA SENTIMENTAL - SUELY ROLNIK](#). Acesso em 20 de set. de 2025.

SALES, Tiago Amaral. Poéticas de uma casa povoada em sua solidão. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.41, n.87, 2023, p.81-96. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2023v41n87p81-96>. Acesso em: 12 de set. 2025.